

Poéticas Acessíveis: uma experiência de Ensino de Teatro no Centro de Ensino Especial Dom Bosco
Accessible Poetics: an experience of Theatre Teaching at the Dom Bosco Special Teaching Center

Carlos Alberto Ferreira da Silva

Universidade Federal de Sergipe
Aracaju, SE, Brasil
carlos.silva@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0002-5601-7990>

Valdelei Oliveira da Silva

Universidade Federal do Acre
Rio Branco, AC, Brasil
valdelei.silva@sou.ufac.br
<https://orcid.org/0009-0003-5538-0469>

Recebido em: 5 de setembro de 2023

Aceito em: 5 de outubro de 2023

Resumo

Este texto visa apresentar, através de um relato de experiência, as práticas de Ensino de Teatro desenvolvidas no Centro de Ensino Especial Dom Bosco com alunos com deficiência, em Rio Branco, Acre. A experiência é resultado da disciplina *Estágio e Acompanhamento em Teatro I*, presente no Curso de Teatro, da Universidade Federal do Acre. Assim, a escrita propõe destacar a importância de se discutir sobre *Poéticas Acessíveis*, a fim de garantir o acesso da pessoa com deficiência nas práticas teatrais, bem como descrever acerca das etapas que circundam este trabalho, sendo elas, 1- a escrita pela perspectiva das *Observações* sobre as práticas teatrais no Centro de Ensino Especial Dom Bosco; 2- o impacto do *III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens* e sua importância no processo de ensino e aprendizagem; 3- As Regências: *Poéticas Acessíveis* nas práticas teatrais. Portanto, propõe-se com este artigo, reafirmar a importância e a necessidade de mais formação na área das Artes Cênicas e Educação Inclusiva, com a finalidade de que os futuros profissionais da área de Teatro, ao acessarem o mercado de trabalho, tenham vivenciado oportunidades de experiências no contexto da Educação Especial/Inclusiva durante o processo de formação.

Palavras-chave: Poéticas Acessíveis; Acessibilidade; Artes Cênicas; Educação Inclusiva.

Abstract

This text aims to present, through an experience report, the Theater Teaching practices developed at the Dom Bosco Special Education Center with students with disabilities in Rio Branco, Acre. The experience is the result of the discipline *Stage and Accompaniment in Theater I*, present in the Theater Course, of the Federal University of Acre. Thus, the writing proposes to highlight the importance of discussing *Accessible Poetics*, in order to ensure the access of people with disabilities in theatrical practices, as well as to describe the stages that surround this work, being them, 1- *writing from the perspective of Observations on theatrical practices at the Dom Bosco Special Education Centre*; 2- *the impact of the III Meeting of Performing Arts and Cultural Accessibility: practices and unlearning and their importance in the teaching and learning process*; 3- *The Regencies: Poetics Accessible in theatrical practices*. Therefore, it is proposed with this article, reaffirm the importance and the need for more training in the area of Performing Arts and Inclusive Education, so that future professionals in the area of Theater when accessing the labor market, have had the opportunity to experience experiences in the context of Special/Inclusive Education during the training process.

Keywords: Accessible Poetics; Accessibility; Performing Arts; Inclusive Education.

Apresentação¹

Propõe-se com este texto, apresentar o processo e o percurso de uma vivência de Ensino de Teatro com alunos com deficiência no Centro de Ensino Especial Dom Bosco. Os encontros ocorreram entre os meses de novembro de 2022 à fevereiro de 2023, durante a realização do *Estágio e Acompanhamento em Teatro I*, cujo título do trabalho resultou no relatório *Bandeira da Paz²: a realização de práticas pedagógicas com alunos com deficiências no Centro de Ensino Especial Dom Bosco*, conduzido pelos discentes e docente da Universidade Federal do Acre, do curso de ABI-Teatro. Por isso, nesta escrita, o objetivo é atribuir uma reflexão a partir das experiências vivenciadas na companhia de pessoas com deficiência, que participaram desta jornada, visando os encontros pelo direito à acessibilidade, através de práticas pedagógicas teatrais, com recursos acessíveis para os discentes do referido Centro. Desse modo, vale destacar que, no que se refere a metodologia desta escrita, em alguns momentos, o texto assume a escrita pela perspectiva do estagiário, no intuito de trazer o relato como uma experiência textual; em outros momentos, pela perspectiva dos autores, trazendo reflexões e questionamentos acerca da *Poéticas Acessíveis*.

No livro *Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: contextos de desaprendizagens*, (2022) uma das autoras que integra a obra é a artista e pesquisadora com deficiência Jéssica Teixeira, em seu texto *A percepção de si como um ato de criação e acesso*, afirma que quando a questão é democratização do acesso ou Acessibilidade Cultural, todos nós artistas, gestores e educadores estamos em falta, pois nos centros culturais e escolas, a maioria deles não têm recursos que permitam que as pessoas com deficiências consigam ter uma recepção e

¹ A escrita deste texto é resultado de uma série de pesquisas de Carlos Alberto Ferreira da Silva. Contudo, na data da publicação, o referido autor não está mais como docente da Universidade Federal do Acre, que através de um processo de Permuta, tornou-se docente da Universidade Federal de Sergipe. Dessa forma, na descrição do currículo, o autor destaca a presente Universidade, mas opta por registrar que todos os dados cabem diretamente ao processo vivenciado na Universidade Federal do Acre.

² O título deste Relatório de Estágio é resultado de um trabalho e teorias embasadas em Augusto Boal. Porém, como não é a proposta deste texto, adentrar no estudos do referido autor, vale destacar que, a ideia de construção da *Bandeira da Paz*, encontra-se no livro *Estética do Oprimido* (2009) de Augusto Boal, na qual surge no Centro do Teatro do Oprimido (CTO) do Rio de Janeiro, a partir do projeto *Prometheus*, que consiste em diversos grupos de artistas criarem suas *Bandeiras da Paz*, a partir da representação de alguma logomarca ou marca famosa, assim diversos materiais, desde sucatas velhas, a panos com tintas. Pois, nesse seu último trabalho, *Estética do Oprimido*, Boal queria romper com a ideia de que as indústrias culturais vendem para as pessoas, de que só é artista quem a mídia deixa subir no palco. Boal em alguns outros trabalhos, afirmava que, “ser humano era ser teatro”, ou seja ser ator. Desse modo, neste último trabalho ele considera que: “Ser humano é ser artista”, pois a arte abrange todas as outras áreas artísticas, além do teatro. (Boal, 2009, p. 19): “No mundo real em que vivemos, através da arte, da cultura e de todos os meios de comunicação que as classes dominantes, com o claro objetivo de analfabetizarem o conjunto das populações, os opressores controlam e usam a palavra (jornais, tribunas, escolas...), a imagem (fotos, cinema, televisão...), som(rádios, CDS, shows musicais...) monopolizando esses canais, produzindo uma *estética anestésica*” (BOAL, 2009, p. 17-18).

fruição de uma obra, devido à falta de recursos de acessibilidade. No entanto, quando existem esses recursos, muitos deles ficam limitados, já que, só quem tem acesso a esses instrumentos são as pessoas com deficiência, e com a deficiência respectiva aquela condição, na qual o recurso é oferecido, conforme explica a autora:

[...] os recursos de acessibilidade mais formatados se direcionaram para as pessoas com deficiência com o objetivo de que a PCD recebesse/acessasse uma obra ou conteúdo com LIBRAS, com legenda, com braile e/ ou audiodescrição. Nesse formato, o campo sensível, metafórico e poético da obra se esvai, pois a inclusão acontecia no formatos normativos de acessibilidade, mas, que nada tinha a ver com a possibilidades de atravessamentos que a obra pulsava. Parecia algo que tentava se encaixar, mas não se encaixava (Teixeira, 2022, p. 27).

Nesse sentido, a autora Jéssica Teixeira ao citar esse trecho faz uma crítica da falta de conexão que existe nos recursos acessíveis, entre a obra e a pessoa com deficiência, defendendo a ideia de que, o artista precisa submergir, experienciar e criar às linguagens sensíveis, que possam se unificar com “as escolhas estéticas e dramáticas” de forma coletiva entre “pessoas com deficiência e profissionais da acessibilidade cultural”. Para que se possa construir um espaço ativo para “criar a acessibilidade cultural”. Pois, para a autora, o “acesso é a construção de linguagem e precisa conversar com a obra”. Consequentemente, são por esses motivos que ela defende o espaço de criação. (Teixeira, 2022, p. 27).

Segundo a autora, há uma problemática maior, pois quando o assunto é “acessibilizar conteúdos, obras de arte ou espaços”, sempre é pensado que a ação é voltada para uma pessoa com deficiência. Desse modo, no verbo “dar” acesso a pessoa com deficiência, já traz consigo um impasse, pois isso significa que algumas pessoas têm para dar e outras não, por isso precisam receber. Essa frase fortalece o capacitismo, visto que, esse lugar de carência é sempre direcionado para a Pessoa com Deficiência (PCD). *Mas, será que a PCD não tem de fato nada para dar?* Nessa reflexão é necessário que cada pessoa pense e mude seus hábitos, pontos de vista e discursos, para que haja uma construção e transformação no contexto da acessibilidade cultural, conforme escreve Ciane Fernandes sobre o texto de Jéssica Teixeira:

[...]mudanças de hábitos e pontos de vista geram transformações e construções que atravessam o caroço da acessibilidade”. Lugar de fala ou lugar de falta?! “Porque estamos todos em falta, principalmente, quando o

assunto é democratização do acesso, acessibilidade, cultura do acesso e afins”. (Fernandes, 2022, p. 07).

Ao pensar nesse processo de transformação e construção, a autora afirma que, quando o assunto é Acessibilidade Cultural é complicado, pois “estamos todos em falta”. Contudo, é difícil perceber as nossas faltas, é mais fácil perceber as faltas nos outros, por exemplo, ao observar um corpo de uma pessoa com deficiência, o “meu olhar capacitista” enxerga a falta. Entretanto, esse lugar de falta é tão contraditório, porque ela existe em excesso, mas para Jéssica é nessa falta que “vão se formando os sujeitos comunicativos, políticos, sensíveis e críticos que somos”. Para ela, é através dessas faltas que se produz a “subjetividade, singularidades e que, talvez, seja também os nossos entres - um lugar no meio do caminho”. (Teixeira, 2022, p. 25).

Ao tratar desse contexto de Acessibilidade Cultural, segundo Jessica Teixeira, a Acessibilidade Cultural não se trata de um lugar ou espaço restrito apenas para as PCD; nesse viés, o uso do termo *Poéticas Acessíveis* visa experimentar e explorar outras formas de comunicação e relação com as pessoas com deficiência, pois trata-se para além de apenas acessibilizar, mas de garantir um processo que requer “autodescoberta, autorreconhecimento e autopercepção” (Teixeira, 2022, p. 28) por parte de todos os corpos envolvidos.

Nesta abordagem, realizar uma proposta de ensino/aprendizagem com práticas teatrais numa perspectiva acessível, sem dúvida, é possibilitar a quebra de inúmeros paradigmas, pois, atualmente, na Universidade Federal do Acre, é ofertada apenas duas disciplinas no âmbito da Educação Inclusiva, nos cursos de licenciatura, sendo elas, *Fundamentos da Educação Especial* e *Letras Libras*, ambas de 60h. É preciso destacar que, para um processo de formação, ter apenas duas disciplinas, com conteúdo voltados para área da Educação Inclusiva, para um futuro docente da área de Teatro que adentrará no Ensino Regular, infelizmente, é muito pouco. Assim, de acordo com o texto *Práticas Lúdicas e Pedagógicas: uma abordagem teatral na formação de discentes no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia* destaca que,

No contexto do ensino regular, educadoras/educadores e gestoras/gestores deparam-se com a necessidade urgente e necessária de pensar o ensino formal de forma democrática e acessível para todas/todos as/os discentes que frequentam o ambiente escolar. Entretanto, essa realidade é ainda um desafio, pois as/os profissionais destacam a dificuldade em trabalhar com pessoas com deficiência, uma vez que a/o educadora/educador não possui uma formação adequada; a escola não possui os devidos

preparos estruturais para receber a/o discente; as políticas públicas apresentam eficiências e ineficiências com relação aos direitos das pessoas com deficiência em favorecer o acesso (rampas, elevadores, recursos comunicacionais e tecnológicos) ao espaço escolar; dentre tantos outros pontos que poderiam ser apontados como responsáveis por essa dificuldade frequentemente discutida por profissionais da educação. Com isso, muitas pessoas com deficiência deixam de vivenciar esse espaço que deveria ser democratizado para o coletivo, e passam a viver a segregação social. Pensar o ensino acessível é democratizar o acesso do sujeito a alcançar os desejos e propósitos como qualquer outra pessoa, por isso, a importância que as políticas públicas possuem no contexto da vida desse sujeito. (Ferreira da Silva, 2021, p. 45).

Já no texto *O processo criativo de Os dois turrões e Romeu e Julietas com pessoas com deficiência no estado da Bahia: a materialidade e a acessibilidade cultural como abordagem para Abraçar a mudança* de Carlos Alberto Ferreira da Silva, Antonia Paula Oliveira da Silva e Jamile da Cruz e Jesus (2022, p. 138), reitera a afirmação acima, que existem apenas duas disciplinas “voltadas” para a questão da Educação Especial, no Ensino Superior, principalmente, nos cursos de Licenciatura, que são: *Letras Libras e Educação Especial*. O baixo número de disciplinas que abordam essa temática, tem prejudicado os futuros docentes. Tendo em vista que é preciso que haja uma mudança com urgência no currículo do Ensino Superior, visto que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “24% da população brasileira, cerca de 45 milhões de pessoas, possuem alguma deficiência”.

Desse modo, grande parte desse percentual de pessoas com deficiências em várias regiões do Brasil, não tem acesso à uma Educação Inclusiva, vivenciando “um processo de exclusão e segregação, enfrentando diariamente dificuldades com relação ao acesso no ensino básico, que muitas vezes, têm seus direitos negligenciados”. Para os autores, esse contexto em que grande parte das pessoas com deficiências estão inseridas “imprime numa violação aos direitos sociais, educacionais e culturais de uma pessoa, a fim de garantir a autonomia durante o processo formativo” (Ferreira da Silva, Silva e Jesus, 2022, p. 138). Portanto, os autores sugerem:

Nas universidades, educadores e educadoras universitários necessitam ampliar e estimular novas abordagens para além das disciplinas mencionadas, fazendo com que os cursos de licenciatura em Teatro, insiram em seus currículos disciplinas específicas, cuja a abordagem possa gerar reflexões e projetos que estimulem a propagação de um estudo urgente sobre a área de artes cênicas e a educação inclusiva. (Ferreira da Silva; Silva; Jesus, 2022, p. 138)

Dessa forma, o propósito desta escrita consiste em relatar a partir das aulas ministradas no Centro de Ensino Especial Dom Bosco, por dois estagiários Samuel Moisés e Valdelei Oliveira, tendo o educador Ruan Billy Fontenelle, que atuava como docente/mediador do Dom Bosco e Carlos Alberto Ferreira da Silva que desempenhou a função de docente/orientador da Universidade Federal do Acre. O Centro de Ensino Especial Dom Bosco fica localizado em Rio Branco-Acre, atendendo aproximadamente 383 alunos com deficiência intelectual³, deficiência múltipla e Transtorno Global do Desenvolvimento (PPP, 2022, p. 11). No Dom Bosco além do ensino das disciplinas de conhecimentos específicos, há uma equipe para o Atendimento Educacional Especializados (AEE), com o intuito de atender ao público alvo da instituição, que são pessoas com síndrome de Down, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), autismo e outras síndromes e deficiências. Existem outros espaços especializados para atender outras deficiências, como por exemplo: Núcleo de Apoio Pedagógico e Familiar (NAPEF), o Centro de Atendimento ao Deficiente Auditivo (CEADA), o Centro para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual (CAPDV) e o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades e Superdotação (NAAHS).

As práticas pedagógicas do *Estágio e Acompanhamento em Teatro I* tiveram um público de aproximadamente 36 discentes. Assim, apresentaremos três momentos, o primeiro com uma perspectiva na *Observação*; o segundo explicando sobre o impacto do *III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens* no contexto de formação dos envolvidos; por fim, o terceiro momento, a *Regência*.

Observações sobre as práticas teatrais no Centro de Ensino Especial Dom Bosco

Neste item, propõe-se apresentar algumas reflexões a partir da *observação* das práticas pedagógicas realizadas pelo educador Ruan Billy Fontenelle, como

³ De acordo com o PPP, “Deficiência intelectual – Com base no DSM V (2013), considera-se pessoas com deficiência intelectual aquelas que possuem déficits em capacidades mentais genéricas, como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência, resultando em prejuízos no funcionamento adaptativo, de modo que o indivíduo não consegue atingir padrões de independência pessoal e responsabilidade social em um ou mais aspectos da vida diária, incluindo comunicação, participação social, funcionamento acadêmico ou profissional e independência pessoal em casa ou na comunidade. Deficiência múltipla – As pessoas com deficiência múltipla apresentam mais de uma deficiência associada. De acordo com o Ministério da Educação, é uma condição heterogênea que identifica diferentes grupos de pessoas, revelando associações diversas de deficiências que afetam, mais ou menos intensamente, o funcionamento individual e o relacionamento social. Transtornos Globais do Desenvolvimento – Esses transtornos caracterizam-se por alterações nas interações sociais recíprocas e na comunicação, em um repertório de atividades e interesses restritos, comportamento estereotipado e repetitivo”. (PPP, 2022, p. 18-19)

docente/mediador do Dom Bosco, bem como o envolvimento inicial, ou seja, a primeira interação com os discentes do Centro. Assim, serão descritos três momentos das experiências, ocorridos em dias distintos, com o intuito de apresentar os primeiros contatos, dificuldades, aprendizados e estranhamento com o contexto da pessoa com deficiência.

#primeiraobservação

A primeira observação da aula de Artes Cênicas/Teatro ocorreu no dia 18 de novembro de 2022. Os estagiários foram apresentados à discente Camila, que é uma pessoa com deficiência física, autismo e possui a fala comprometida. Segundo o educador, ela tem muita dificuldade de se comunicar, já que ela não consegue utilizar a linguagem verbal, apenas faz som e quase não esboça reação. Então, nesta primeira aula, foi possível observar como o docente conduzia o trabalho junto a Camila. A proposta era realizar práticas de mobilidade e coordenação motora, assim, a discente utilizava um molde de figura geométrica de dois círculos, de modo que Camila pudesse pintar, usando pincel e tinta guache. A dificuldade enfrentada pela discente era visível, visto que, mesmo com o auxílio do docente, a prática utilizou quase todo horário da aula para concluir a atividade, tendo em vista que, a aula teve duração de 1h30min.

Em um outro momento, como desdobramento dessa vivência. O educador ministrante tentou trabalhar com a mesma abordagem das figuras geométricas. Contudo, utilizou uma metodologia diferente, usando uma caixa de sapato com um buraco na lateral e alguns papéis, que escondia a entrada desse buraco. Em cima da caixa, continha buracos com as figuras geométricas de círculo, triângulo e quadrado. Então, Camila tinha que colocar a mão no buraco da parte lateral da caixa, retirar uma peça e colocar em cima, no seu respectivo lugar. A princípio, notamos que, assim como no exercício da aula passada, ela mostrava ter uma certa dificuldade. Todavia, com algumas orientações do docente ministrante, ela conseguiu realizar a atividade. Foi perceptível o progresso da aluna, pois segundo o professor Billy, quando ela chegou no Centro de Ensino Especial Dom Bosco, ela não conseguia executar aquela atividade. Ademais, o docente Billy relatou que: “às vezes, por mais que uma atividade possa parecer mínima para nós [pessoa sem deficiência] para as pessoas com deficiência exige um grande esforço”.



Imagem 01: A imagem mostra a discente Camila, que está sentada sobre uma cadeira tem os cabelos pretos, lisos e curtos, usando uma camisa de manga no tom vermelho, com algumas letras pretas, um short preto, uma sandália vermelha, com algumas pedrinhas douradas, está com as pernas cruzadas, sobre o suporte da cadeira, ela segura um caixa de cor amarelada, com fitas nas bordas laterais azul e as laterais rosas, na parte de cima da caixa tem alguns buracos de figuras geométricas, como: retângulo, triângulo, losango e círculo; ao lado esquerdo da Camila, aparece as pernas do professor Billy, o qual usa uma calça jeans no tom claro, está de pernas cruzadas e com um tênis branco, com um semi círculo cinza, ao redor de ambos, tem várias cadeiras na cor amadeirada, com o suporte do braço branco. Foto: Valdelei Oliveira.

O texto escrito por Ciane Fernandes, no livro *Arte Cênicas e Acessibilidade Cultural: contextos de desaprendizagens* (2022), é possível destacar e relacionar com o contexto de Camila:

“Presenças... um presente para um mundo (doravante) múltiplo
Como começar uma fala sem palavras? Balbuciando sonoridades
(im)possíveis?
Como delimitar um lugar que (sujeitos não tão incógnitos) insistem em
apagar?
Quais os rastros de escrita multissensorial traçados por/para todes (sujeitos
plurais)? (Fernandes, 2022, p. 08).

A prática desenvolvida com Camila, a princípio, poderia ser questionada: *é uma aula com uma única pessoa?* Porém, conforme destacado por Ciane Fernandes, é preciso questionar uma série de perguntas, inclusive com relação ao tempo, pois, como educadores, somos induzidos a trabalhar com uma demanda de aprendizagem, com muitos discentes na mesma sala, buscando trabalhar em um “padrão” igual para todos, de modo que o educando apreenda o conteúdo de formas e formatos imediatistas. Contudo, a experiência junto aos

corpos com deficiência, perpassa por outros níveis de tempo e condições, uma vez que as práticas precisam de processos, etapas, metodologias e abordagens, algumas vezes, diferenciadas de outros discentes, no intuito que a vivência seja equalizada de acordo com as necessidades de cada corpo, de cada sujeito e de cada pessoa. Assim, entender o tempo e as especificidades de cada estudante, sem dúvida, são os primeiros princípios da observação.

#segundaobservação

A segunda observação a destacar, refere-se ao dia 08 de dezembro de 2022, uma experiência extra sala, pois na ocasião o Estágio Observação foi transferido para o evento *Viver Ciência*, que aconteceu na Universidade Federal do Acre (UFAC), organizado pela Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes (SEE). O deslocamento ocorreu do Centro Dom Bosco à UFAC, através do ônibus escolar. Chegando ao evento, durante a visitação, o estagiário Valdelei Oliveira acompanhou o discente Felipe, que possui deficiência motora e deficiência intelectual.

Como estudante do curso de Artes Cênicas/ABI-Teatro, estagiário do Centro Dom Bosco, e com pouca experiência na área da Educação Inclusiva, sobretudo, com pessoas com deficiência, sem dúvida, é um grande desafio, justamente por não possuir nenhuma habilidade e contato com pessoas com deficiência que usam a cadeira de rodas como um instrumento de acesso. No decorrer do evento, os estudantes e docentes paravam em vários blocos e galerias para apreciar os trabalhos das pessoas. Porém, a preocupação maior de Valdelei era referente ao máximo cuidado para com o Felipe, tratando-o como se ele fosse uma criança. Eis a questão trazida pelo estagiário: “Isso está errado! pois estou sendo capacitista com o Felipe!”.

Ivan Baron um dos maiores influenciadores digitais do Brasil, e que é uma pessoa com deficiência, define que o capacitismo é “a discriminação contra as pessoas com deficiência” (Baron, 2023, p. 8). O capacitismo vitimiza as pessoas com deficiências, colocando-as naquele lugar de “coitadinho”, “pobrezinho” dentre outros termos pejorativos. No e-book: *Guia Anticapacitista*, de Ivan Baron, o autor conceitua o capacitismo como: “toda a discriminação, violência ou atitude contra a pessoa com deficiência que se expressa desde as formas mais sutis as mais gritantes” (Baron, 2023, p. 8). Já a pesquisadora Anahí Mello (2014, p. 94) conceitua o capacitismo como um sistema de opressão marcado por uma postura preconceituosa, “[...] é uma categoria que define como as pessoas com deficiência

são tratadas de modo generalizado como incapazes – incapazes de produzir, trabalhar, aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo, de ser desejada de ter relações sexuais etc.”.

Nessa perspectiva, a revista *Horizontes Antropológicos*, na edição *Antropologia e Deficiência*, no texto de apresentação *Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência*, as autoras Anahí Guedes de Mello; Valéria Aydos; Patrice Schuch destacam alguns conceitos e apontamentos acerca das definições da deficiência, trazendo dentre eles a reflexão sobre o capacitismo. Nos dias atuais, em alguns espaços acadêmicos, já se torna possível a presença de um “debate interseccional no qual a deficiência é um marcador de diferença central não apenas para a reflexão sobre as opressões e exclusões provocadas pelos capacitismos que permeiam nosso cotidiano, mas como uma categoria disruptiva para pensarmos o próprio fazer”. Contudo, em vários outros espaços sociais, o pensamento hegemônico e segregacionista impera em vários níveis, limitando o sujeito com deficiência a ter uma fruição sensorial movida pela perspectiva capacitista. Por exemplo, “quando uma pessoa não ouve com os ouvidos, ela é lida como ‘deficiente’ e passa a ser, culturalmente, percebida como ‘incapaz’. “Por isso, o capacitismo impede a consideração de que é possível andar sem ter pernas, ouvir com os olhos, enxergar com os ouvidos e pensar com cada centímetro de pele que possuímos” (Mello, 2019b, p. 136 *apud* Mello et al., 2022, p. 19).

Assim, nas palavras do estagiário, é realizado o seguinte questionamento: “como faço para mudar isso?”. Desse modo, durante a visitação no *Viver Ciência*, em uma determinada tenda de robótica, indagamos ao apresentador do trabalho, se era possível aproximar o dispositivo robótico ao Felipe, para que ele por si só experimentasse as sensações propostas pelo trabalho apresentado. Por conseguinte, a partir desse momento, nas tendas que parávamos, solicitávamos para que os apresentadores trouxessem os mecanismos ou objetos para perto de Felipe, deixando-os mais acessível, para que ele conseguisse executar a ação de apreciar e experienciar sozinho. Tal ação demonstra outros formatos possíveis de acessibilizar os conteúdos, sobretudo, gerando autonomia no sujeito que está, muitas vezes, invisibilizado socialmente.

Após a descrição dessa experiência, nota-se uma falta de metodologia no sentido de explorar e incentivar a autonomia do sujeito, fazendo com que ele pudesse ser o propositor e o fazedor interessado em solicitar as informações junto aos expositores. Porém, como destacado acima, nas universidades os conteúdos e práticas voltados para o contexto da Educação Inclusiva são mínimos, sobretudo, aqueles que possuem diálogo direto com a área de formação do discente. Pois, no curso de Teatro da UFAC não há nenhuma disciplina

específica que aborde Teatro e Educação Inclusiva, apenas há registro de Projetos de Extensão, promovidos por docentes interessados pela temática.



Imagem 02: Este é o aluno Felipe, que possui deficiência física e intelectual. Na imagem, Felipe usa cadeira de rodas, com uma farda de aula branca com o logo amarela com verde, abaixo dessa logo está escrito “Acre” e outras letrinhas pequenas, as mangas possuem as cores verdes em maior quantidade e azul, com um símbolo na manga esquerda da bandeira do Acre; ele está de calça preta com uma logo branca com vermelha escrito “Fila”; usando um óculos de lente semicircular e moldura preta; ele tem o cabelo encaracolado na cor preta. Na parede atrás do Felipe tem um extintor vermelho, com branco e azul, uma mesa cinza, com uma cesta de cipó, na mesa também tem uma fita adesiva, algumas folhas de papéis branca e atrás uma garrafinha de água vermelha; ao lado direito do Felipe tem uma porta branca aberta, uma poltrona vermelha com preto, o chão que o Felipe está é de madeira, com as bordas feitas de borracha preta antiderrapante. Foto: Billy Fontenele.

#terceiraobservação

A terceira observação, trata-se da organização da exposição: *Fragmentos do Capacitismo*, realizada no auditório da escola, para os alunos do período da manhã. A atividade desta exposição além de trazer vários elementos materiais, sociais e culturais, estimulou um processo criativo a partir dos próprios discentes. A temática possuía como intuito conscientizar as pessoas sobre o capacitismo. Apresentar a temática do capacitismo, dentro de um espaço voltado para a Educação Especial/Inclusiva, tornando-se de extrema necessidade, pois, muitas vezes, a pessoa com deficiência é visualizada pelos profissionais da área como uma “eterna criança”, a tal ponto que alguns profissionais não conseguem compreender a autonomia e o desenvolvimento do sujeito. Assim, ao discutir sobre as

inúmeras formas de discriminação contra a pessoa com deficiência, faz com que, funcionários, estudantes e familiares ampliem a perspectiva de mundo sobre a pessoa com deficiência.

Segundo o docente Billy Fontenelly, achou necessário produzir essa exposição, pois na maioria das publicações e anúncios publicitários e/ou jornalísticos, não há nenhuma informação ou imagem, a qual falasse da pessoa com deficiência. As notícias veiculadas às pessoas com deficiências, quando notificadas, estão atreladas a uma ideia de superação, conquista, vitória, mas, de certo modo, deslegitima um processo diário de ação, de luta, de política, de campanhas e de conquistas de muitos agentes que visam por uma vida que respeitem os seus próprios direitos. Desse modo, a proposta era confeccionar as caixas a partir de revistas e jornais que não reportavam sobre o contexto da pessoa com deficiência, mas, ao mesmo tempo, elevando uma crítica acerca do ressignificar sobre esse capacitismo frequente. Nas caixas foram inseridas mensagens mostrando exemplos de práticas capacitistas e mensagens de conscientização contra essa prática tão nociva às pessoas com deficiências.



Imagens 03 e 04: A imagem da caixa do lado esquerdo, que está aberta e possui o interior marrom, com as laterais confeccionadas por revistas nas cores branca e marrom, com a frase: “Você se

considera uma pessoa ‘inválida’? Não use a palavra invalidez para definir pessoas com deficiência”. E a outra caixa também confeccionada por revistas, nas cores azul, vermelha, preto e branco, com a figura de um morro, mar e pássaros sobrevoando. Esses trabalhos artísticos foram produzidos pelos alunos com deficiências do Centro de Ensino Especial Dom Bosco, com a proposta do docente Billy Fontenelle, para sua exposição: *Fragmentos do Capacitismo*, na qual auxiliei o professor Billy na organização. Foto: Valdelei Oliveira.

Com base nessa experiência do Estágio Observação, compreendemos que existem inúmeros aspectos e questões que transcendem o espaço da sala de aula. Assim, vale destacar algumas reflexões do livro *Estágio e Docência* (2010) das autoras Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro Lima, uma vez que está muito alinhado com a prática do docente Billy Fontenelly.

Com o colapso das velhas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instâncias sociais; que respondam à necessidade de afetos dos alunos, que resolvam os problemas da violência, das drogas e da indisciplina; que preparem melhor os alunos para a competitividade, que restaurem a importância do conhecimento e da credibilidade das certezas científicas; que sejam os regeneradores das culturas/identidades perdidas com as desigualdades/diferenças culturais (Pimenta e Lima, 2010, p. 14).

As problemáticas enfrentadas pelos docentes do Centro de Ensino Especial Dom Bosco, por se tratar de uma escola com o ensino voltado para pessoas com deficiências, não são muito diferentes das de escolas de Ensino Regular, pois segundo relatos do docente Billy Fontenelle, muitas vezes os pais e responsáveis delegam às responsabilidades que são deveres deles sob o educador, como, por exemplo: o cuidado da higienização pessoal do aluno, o acompanhamento com regularidade do aluno na escola, questões emocionais e afetivas, dentre outras. Fazendo com que o docente além de ensinar os conhecimentos científicos, assumira esse papel de familiar, amigo e psicólogo.

De acordo com as autoras Pimenta e Lima (2010), é nesse panorama tão complexo que é preciso “ressignificar a identidade do professor”. Pois a característica do ensino, por ser tão complexas e carregadas de desafios, conflitos e valores requer uma postura “ética e política”. Para as autoras se exige “saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e violentas”. (Pimenta e Lima, 2010, p. 14-15).

Nessa atividade tão complexa que é o ato de ensinar, ao observar e presenciar o trabalho do docente Billy, notamos que, como futuro educadores, refletimos que no caso da Educação Especial existe um agravante ainda maior, pois é necessário garantir “aos

professores condições para análise crítica do contexto em que se realiza sua prática educativa”, como sugere as autoras (Pimenta; Lima, 2010, p. 14-15), podendo assim, minimizar as problemáticas apresentadas por elas. Porém, são muitas dificuldades e não é apenas sobre *oferecer condições*, é preciso pensar ações e formações que possam envolver os profissionais do Dom Bosco, visto que existe uma “deficiência” no currículo acadêmico, com relação ao processo formativo desses profissionais, uma vez que, na prática, muitos educadores se formam sem ter uma experiência com o referido público.

Portanto, a relevância de observar a prática do docente Billy Fontenelle, no processo de Estágio, tornou-se essencial, já que ao refletir as abordagens conduzidas, construídas e elaboradas com os discentes, certamente estimula o estagiário a se familiarizar com o contexto, ganhando experiência e criando vínculo com os alunos e a escola.

O III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens e sua importância no processo de ensino e aprendizagem

Em 2022, o *III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*⁴ aconteceu na Universidade Federal do Acre e contou com artistas, pesquisadores, fazedores de arte, cultura, educadores, gestores sem e com deficiência. O Encontro registrou inscrições e participação direta de 2.957 (dois mil, novecentos e cinquenta e sete) pessoas presentes e participando das oficinas, mesas e espetáculos, na modalidade presencial e virtual. O Encontro realizou 36 ações entre os dias 21 a 24 de novembro de 2023, sendo elas: 12 oficinas com artistas e pesquisadores sem e com deficiência; 4 mesas de Desaprendizagem com artistas e pesquisadores sem e com deficiência; 6 espetáculos teatrais e performativos de artistas com deficiência de diferentes estados brasileiros; 5 apresentações musicais, 1(uma) contação de história e 1 espetáculo de artistas com deficiência de Rio Branco - Acre; 7 exposição de artistas visuais com autismo e superdotação de Rio Branco – Acre; 2(duas) exibição de filmes com acessibilidade.

⁴ Todas as mesas de *Desaprendizagem* podem ser acessadas através do canal do YouTube *Artes e Acessibilidade*. III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural. YouTube, 21 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SoiMtPHB-BI&t=3483s>> Acessado em 17 de agosto de 2023.



Imagem 05: Espectadores do III *Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*, no Teatro da Universidade Federal do Acre, no dia 21 de novembro de 2023. O auditório possui duas repartições, ambas estão ocupadas, com aproximadamente 1100 lugares.

Neste sentido, vale destacar que o Encontro tornou-se de suma importância para este trabalho, pois, o processo do *Estágio e Acompanhamento em Teatro I* aconteceu durante a realização do evento, e devido à semelhança do tema, a frequência na disciplina foi direcionada para a participação nas mesas e oficinas. Dessa forma, vale destacar que algumas mesas, oficinas e apresentações contribuíram para o processo de formação e introdução ao contexto das Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, antes de iniciar o contato de forma direta no Centro.

O III *Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural*, nos deu uma perspectiva mais ampla, a respeito do contexto da pessoa com deficiência e do capacitismo na sociedade. Os relatos das experiências de vidas de muitos artistas com deficiências através de mesas e de ministração de oficinas, abriu os sentidos para outros contextos. Desse modo, é importante destacar o trabalho de Ariadne Antico, que possui paralisia cerebral e se apresentou como a Palhaça Birita a *Palestra Show*⁵, realizada na abertura do Encontro, contando para o público a sua trajetória de vida, transformando os seus processos e limitações em arte; fazendo com que

⁵ Errata, na programação de 2022, o material impresso saiu com o nome de Palestra Show, uma vez que a artista realizou a abertura do Encontro. No entanto, vale destacar que o nome correto do trabalho é **Muros e Grades são Invenções Humanas**.

o seu relato ao invés de ser uma história triste, pudesse ser contada de uma forma engraçada. Despertando no público diversos sentimentos, como: alegria e tristeza, proporcionando momentos simultâneos de risos e choros.

Ariadne Antico, durante a *Palestra Show*⁶, relata a respeito da sua infância, afirmando que:

[...] além do tratamento que eu fazia na AACD, a minha mãe, em casa, me fazia ficar andando de um lado para o outro, em uma barra paralela, que meu pai construiu com cano de pvc. Eu chegava em casa e tinha que ficar ali, de um lado pro outro daquela barra. Gente que criança que gosta disso? E aí, eu chorava, fazia birra e aí eu apanhava na bunda. Por que, enfim... hoje, eu falo o seguinte, eu sou grata pela minha mãe ter me dado os tapas na bunda, que ela me deu. Mas, recentemente, tenho refletido muito sobre o quão os nossos corpos com deficiências são “violentados” para se adaptar um padrão, para conseguir conviver em sociedade e ter uma vida autônoma e fico refletindo que seria muito mais lindo, se eu não precisasse ter passado minha infância inteira fazendo um milhão de tratamentos para me adaptar a falta de acessibilidade da nossa sociedade. (Antico, *Palestra Show*, 2022)

Além da apresentação artística, reportada acima, gostaríamos de citar duas oficinas nas quais os estagiários participaram, uma vez que, o acordo era que os discentes participassem de no mínimo duas oficinas de formação. Assim, serão destacadas duas experiências: a oficina *Balé Possível* com Silvia Wolff e *Teatro do Oprimido e Acessibilidade* com Mateus Gonçalves.

A proposta realizada pela educadora e bailarina com deficiência Silvia Wolff, da Universidade Federal de Santa Maria, que ministrou a oficina *Balé Possível*⁷, apresentou como abordagem de ensino na área da Dança, possibilidades de práticas de Balé de outras formas, desconstruindo a ideia de perfeição, como comumente são apresentados. Por conseguinte, torna-se necessário apresentar o resumo da referida oficina, no intuito de apresentar as principais propostas da artista e pesquisadora.

A oficina parte do pressuposto da possibilidade de um balé não necessariamente executado nas premissas do belo, perfeito e ideal tradicionalmente proposto, mas sim predisposto a ser relido, transposto, reconfigurado de acordo com a maneira como cada indivíduo aborda seus princípios, conceitos, e/ou sensações. É resultado de toda uma readequação

⁶ Artes e Acessibilidade. III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural. YouTube, 21 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SoiMtPHB-BI&t=3483s>> Acessado em 17 de agosto de 2023.

⁷ Wolff, Silvia. Balé Possível. III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural. Disponível em <<https://arteseaccessibilidade.wixsite.com/arteseaccessibilidade>> acessado em 17 de agosto de 2023.

dos processos metodológicos inerentes ao ballet para o contexto contemporâneo das artes da cena.

Trata-se de uma proposta de improvisação a partir da estrutura tradicional de uma aula de balé e dos princípios de movimento desta técnica. Através de processos de tradução, adaptação e reinvenção a proposta é aberta para que cada indivíduo possa se aproximar desta técnica a partir de suas possibilidades e interesses. Para além de provocações para a livre exploração desta prática são estimulados processos de criação a partir das vivências oportunizadas de forma que se estabeleça uma relação entre técnica e poética. (Wolff, 2022, site do Encontro).

Como metodologia, ela trouxe um jogo de experimentação de movimentos, com a intenção de explorar o corpo sem a premissa de se fazer algo belo e ideal. Em seguida, pediu para investigar os ritmos do lento ao rápido desses movimentos e, por fim, solicitou para compor uma partitura a partir da pesquisa realizada no corpo. Nota-se que, a condução desenvolvida por Wolff, artista e pesquisadora def, na oficina, ampliou para nós, discentes, que iremos trabalhar com diferentes corpos em sala de aula, possibilidades de articular abordagens e improvisações através de processos de criação com os discentes com deficiência. Além de ampliar a articulação do Teatro e da Dança.

Já a oficina do *Teatro do Oprimido e Acessibilidade*⁸, realizada pelo Matheus Gonçalves, do Instituto Federal Fluminense, apresentou uma série de adaptações de jogos para o contexto das pessoas com deficiência. A proposta dessa oficina era experimentar “*joguexercícios* do Teatro do Oprimido, na busca/pesquisa sobre as opressões sofridas por PCD em nossa sociedade. Por meio, dessa potente metodologia sistematizada pelo brasileiro Augusto Boal, refletiremos com/em nossos corpos sobre a noção de capacitismo e alternativas para sua superação”. (Gonçalves, 2022, site do Encontro). Assim sendo, um dos jogos abordados foi o do *Canto da Sereia*, de Augusto Boal. Esse jogo consiste em uma pessoa narrar uma opressão que vivenciou, em seguida, o curinga (figura que exerce a função de mediador ou diretor teatral) pede para que um grupo de pessoas monte uma cena, do que a pessoa sofreu. O interessante foi que o Matheus trouxe esse jogo para o contexto dos educadores, mediadores e profissionais que trabalham com as pessoas com deficiência, uma vez que, a maioria das pessoas que estavam participando da oficina atuam na área da Educação Especial/Inclusiva.

Dessa forma, uma mediadora, durante a atividade, expôs uma situação ocorrida na escola em que trabalha. Na realização do Ensaio do Coral da escola, para uma atividade de

⁸ Gonçalves, Mateus. *Teatro do Oprimido e Acessibilidade*. III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural. Disponível em <<https://arteseaccessibilidade.wixsite.com/arteseaccessibilidade>> acessado em 17 de agosto de 2023.

Natal, havia uma criança com deficiência múltipla: deficiência física e intelectual, que na formação do coral, estava atrás das outras crianças, escondida e não aparecia para o público. Então, quando as demais crianças começavam a cantar, a criança com deficiência começava a chorar e a professora regente mandava ela se calar, dizendo que ela estava atrapalhando o andamento do ensaio. Em virtude disso, a mediadora pediu para levar a criança com deficiência para ensaiar na frente, junto com as outras pessoas, em seguida, ela começou a cantar e a sorrir.

Após o relato da mediadora, o oficinairo abriu a discussão para o coletivo, indagando se situações parecidas de capacitismo e de opressão já haviam ocorrido nos espaços de ensino de suas respectivas escolas. Depois das manifestações, Mateus Gonçalves solicitou a criação de uma cena, a qual pudesse representar a referida situação, em duas etapas, sendo que a primeira etapa deveria criar uma cena demonstrando como realmente aconteceu e, na segunda etapa, a cena é transformada naquela realidade idealizada do que seria o correto a ter acontecido.

Por fim, vale enfatizar que, durante o Encontro, o Centro de Ensino Especial Dom Bosco teve uma importante participação, sendo que, inúmeros trabalhos artísticos foram apresentados, como a Exposição *Para além do olhar* com os artistas Luiz Henrique Cavalcante, Luiz Eduardo Ferreira, Kleber Lucas, Lucas Santos, Nicole Calid, Ingrid Florence e Marcos Cunha; apresentação musical de Ana Joyce do Carmo Gomes e Davi Barroso Lima com direção de Ana Lucia Fontenele; apresentação musical com Emanuelle Cristina de Araújo Souza, Jean Carlo de Almeida Aquino e Thiago Carvalho da Silva do Centro de Apoio à Pessoa com Deficiência Visual; *Contaçõ de Histórias* com o artista com deficiência auditiva Adriano Pinto de Araújo Marui; por fim, a apresentação da peça "O Divórcio", um processo em *Work in Progress* com os discentes do Centro Estadual de Ensino Especial Dom Bosco.

O Divórcio é uma encenação oriunda de um processo criativo conduzido pelo artista e educador Ruan Billy Fontenelle, juntamente com os discentes do Dom Bosco. Conta-se a história de um casal que está se separando, em um restaurante, sob a presença de uma advogada, para fazer os trâmites legais da divisão de bens, conforme a lei, tendo presente as mães do casal e a filha. Todavia, em meio a conversa, eles começam a se desentender e passam a se agredir com palavras, enquanto os alimentos são arremessados, como forma de afronta. De acordo com Billy Fontenelle, a peça, de autoria do Coletivo, traz várias questões sociais, como: o armamentismo, violência e feminicídio.



Imagem 06: A foto apresenta a cena de uma discussão do espetáculo *O Divórcio*, em uma mesa, há cinco pessoas sentadas. A atriz que está com a mão esquerda erguida, realiza o papel da mulher que deseja o Divórcio; em seguida, ao centro da mesa, está a advogada; do lado esquerdo está o ator que faz o papel do marido, está usando um chapéu branco e camisa quadriculada, azul e branca; do seu lado direito está sua mãe usando uma peruca de tonalidade loira e vestido azul com flores; de frente para a mãe do marido, do lado oposto da mesa, está a mãe da mulher, com roupas coloridas e uma echarpe. Ao fundo, está o garçom, usando camisa branca, gravata preta e um colete vermelho. Por fim, ao lado do garçom está a cantora, usando um vestido rosa com branco e óculos de armação preta. Foto: Billy Fontenelle.

Ao vivenciar práticas e ações no *III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural*, conforme destacado acima, percebe-se a importância de falar sobre Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural nos contextos de formação, seja no Ensino Superior ou no Ensino Básico. O Evento acadêmico se coloca como um colaborador, um suporte importante na formação do futuro educador de Teatro. Através do referido encontro, torna-se possível ampliar a formação acadêmica, de modo que o processo de ensino/aprendizagem não está restrito apenas aos conteúdos curriculares, sendo promovida, também, pelas demais atividades que a universidade promove. É de fundamental importância que novas disciplinas específicas nas áreas possam surgir nos cursos, sobretudo, para fomentar as discussões. Por outro lado, a universidade também promove formação continuada através dos eventos acadêmicos, que destacam a transversalidade e a necessidade de ampliação dos modos de fazer/criar/ensinar Teatro.

Contudo, é necessário que profissionais que já estão atuando, bem como aqueles que estão em formação vivencie práticas que atentem para um processo de ensino acessível, voltado para o contexto da Educação Inclusiva. Infelizmente, muitos educadores são negligenciados deste recurso de formação⁹, tornando uma forma de exclusão para/com as pessoas com deficiências. Por isso, nos relatos sobre a Regência, buscaremos apresentar essa articulação entre a prática do Ensino de Teatro e as Poéticas Acessíveis, a fim de buscar uma intersecção entre as áreas.

As Regências: *Poéticas Acessíveis* nas práticas teatrais

É preciso destacar que, trabalhar com pessoas com deficiência, sobretudo, quando os agentes educacionais não possuem formações específicas nas áreas em que fizeram ou estão fazendo o curso, torna-se uma questão, pois, muitas vezes, o discente da universidade, por exemplo, adentra no espaço escolar acreditando que não será possível e capaz de realizar qualquer prática de ensino, justamente por não ter habilidades específicas.

Assim sendo, pensar em *Poéticas Acessíveis* é ampliar os meios e os recursos de realizar práticas de ensino e aprendizagem com abordagens acessíveis e possíveis a cada corpo/pessoa/sujeito participante. Dessa forma, é preciso romper com alguns paradigmas presentes no âmbito educacional. Ferreira da Silva (2021) salienta a importância de estimular os educadores, desde o período de formação, fazendo com que o profissional amplie suas metodologias de aula, no intuito de trabalhar e propor práticas artísticas para diferentes pessoas com deficiência, pois:

[...] além de ser uma/um agente disposta/disposto a querer fazer, antes de anunciar: “não sei”, “não tenho formação”, “não posso”. Para isso, torna-se necessário incluir suas ideias, suas participações, ou seja, fazer essa/esse discente e futura/futuro educadora/educador se sentir parte desse processo educacional, de modo que as propostas, as experiências, as falas e os contextos de cada sujeito possam ser valorizados na sua inteireza. (Ferreira da Silva, 2021, p. 56)

⁹ É preciso pontuar que, durante a produção do Encontro de 2022, muitos docentes relataram a dificuldade de liberação para participar da formação continuada, uma vez que havia impedimento por parte do Gestor Escolar. Desse modo, a partir dos relatos ocorridos em 2022, em 2023, no *IV Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*, ocorreu uma *Desaprendizagem* específica de sensibilização para os gestores **Acessibilidade na escola: um caminho para a inclusão** com Gislana Vale (RJ), Maria de Lourdes Esteves Bezerra (AC) e Aline Zeymer do MINC.

A proposta é apresentar algumas práticas desenvolvidas no Centro de Ensino Especial Dom Bosco, no auditório, com os discentes do período da manhã. As práticas foram trabalhadas, estudadas e produzidas com base na experiência do Estágio Observação. Antes de iniciar a Regência, foi criado o projeto *ARTE E PAZ: A arte e Acessibilidade Cultural contra práticas capacitistas*, escrito e aprofundado, buscando um diálogo com o Projeto Político Pedagógico do Centro, bem como com as propostas discutidas pelos profissionais, cujo tema a ser desenvolvido era sobre *Paz e Capacitismo*.

A primeira Regência a se destacar, trata de uma prática realizada no dia 06 de janeiro de 2023. Inicialmente, convidamos os discentes para participar das aulas, explicando o que aconteceria nas manhãs de janeiro do corrente ano. A princípio realizamos um exercício de alongamento. Em seguida, realizamos o jogo dos *bons-dias*, (o que gosta e não gosta) do livro *Jogos Para Atores e Não-atores*, (2007) de Augusto Boal. O jogo consiste em: a pessoa dá *bom dia*, falar seu nome e segurar na mão da pessoa que está ao seu lado. Contudo, em decorrência da adaptação proposta, ao invés da pessoa segurar na mão da outra, ela dava *bom dia*, dizia seu nome, segurava a ponta do barbante e jogava para outra pessoa. O jogo na sua integralidade pode ser lido abaixo:

Jogo útil especialmente para iniciar espetáculos de Teatro-Fórum, aquecendo a plateia: cada pessoa deve dar bom dia ou boa noite a uma outra e dizer seu nome, não podendo largar a mão dessa primeira pessoa antes de apertar a de uma outra, para dar bom dia ou boa noite, e assim por diante, formando-se redes de apertos de mão (Boal, 2007, p. 118)



Imagem 07: Primeira aula de Regência, fazendo o jogo dos *Bons-dias*. *Estamos em uma roda entre várias pessoas. Iniciarei a descrição por mim, sou o estagiário Valdelei, na imagem estou de costas para a câmera, usando uma camisa de farda, com o nome ufac escrito em letras pequenas na cor azul e logo azul com amarelo parte de trás da farda, sou negro, tenho cabelos enrolados na cor preta e barba falhada, estou segurando um barbante amarelo, com a mão direita; do meu lado esquerdo está a aluna Karol, que é uma mulher branca, cabelos lisos, está usando uma “xuxa amarela”, prendendo os cabelos, está com o uniforme da escola, na cor branca, azul e verde nas mangas e com um logo do nas costas; ao lado dela está outra aluna, Maria é uma mulher branca, com os cabelos pretos e curos, usando máscara preta, uma capa preta e uma calça listrada, nas cores: branca, preto e vermelho; ao lado dela está Irene, mulher branca, com o cabelo longo e encaracolado, está usando farda e calça azul, segura o rolo do barbante com a mão direita; do seu lado está Marcelo, um aluno de estatura média, negro, cabelos lisos, usa uma camisa vermelha, com estampa preta, uma bermuda preta, com listas amarela com vermelho e segura o barbante com a mão direita, cruzada para baixo; do seu lado está o aluno Raimundo na cadeira de rodas, está usando uma camisa preta, bermuda azul e chimelo preto, é um homem negro; Ademir, é um homem branco, baixo, que tem os cabelos enrolados, está usando o uniforme da escola, um sapato preto e segura o barbante com a mão direita; em seguida, Felipe que está na cadeira de rodas, usando a farda da escola, óculos, tem o cabelo liso, usa calça preta, sapato marron e segura o barbante com a mão direita; do seu lado está Paulino, um homem negro, cabelos curtos e grisalhos, está usando o uniforme da escola e segura o barbante com a mão direita; do seu lado está o professor Carlos, homem branco, cabelos lisos, usa óculos de aros circular, barba fechada preta, está vestindo uma camisa roxa, com uma camisa xadrez de manga longa por cima, uma calça jeans azul claro e uma bota preta; ao seu lado está Luana, mulher branca, com os cabelos castanhos e mechas amarelas, usa uniforme; ao seu lado está Mirian que é uma mulher branca, dos cabelos lisos, curtos e preto e está usando uniforme; em seguida o Jefferson, um homem branco com os cabelos lisos e pretos, com os dentes aparentes, está usando uniforme; ao seu lado está uma aluna que não me recordo o nome, mas está usando uma capa roxa, tem os cabelos pretos e curto; ao lado dela está Rômulo, um homem branco, alto, gordo, dos cabelos enrolados, usa óculos de lente quadrada e armação preta, está usando uniforme e está do meu lado direito. Foto: Billy Fontenelle.*

Na segunda etapa do jogo, a pessoa dizia: *bom dia* e algo que gostava como: comer, namorar, sair, dançar, e algo que não gostava, pensando nas opressões, como: *bullying*, capacitismo, racismo e outras opressões. Alguns alunos responderam o que gostavam e o que não gostavam. Por exemplo: a Karol respondeu que não gostava de sua colega Luana. Já o Felipe, que é o aluno com deficiência múltipla, deficiência motora e intelectual, disse que gostava da Karol. O Raimundo, que possui deficiência motora, disse que não gostava de racismo e preconceito.

O jogo consistia apenas em dizer: *bom dia* e segurar na mão da pessoa que está ao lado. Já nessa prática teatral, o barbante tornou-se o fio condutor, a fim de pensar o contexto das pessoas com deficiências, tendo como um resultado final, uma instalação construída através do jogo, com corpos que são considerados não-normativos para a maior parte da sociedade. Ou seja, a prática de Boal possibilitou pensar criticamente e criar novas percepções acerca da proposta com o corpo de cada participante. A partir dessas teias formadas pelos barbantes, que estavam suspensas, conforme a Imagem 06, pegamos quatro folhas de papéis grandes e colamos os barbantes nessa moldura e cada aluno assinou seu

nome, da forma que sabiam e podiam, com tinta guache, criando uma instalação performática, que depois seria instalada no final do processo do Estágio, na apresentação final.

No livro *Estágio e Docência* (2010) as autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima afirmam que “a transformação da prática do professor decorre da ampliação de sua consciência crítica sobre essa mesma prática” (Pimenta e Lima, 2010, p. 13). Isto implica que, o desenvolvimento do educador ocorre a partir do seu senso crítico, embora, o docente realize em sua prática a mesma teoria de outro educador, deve existir uma pesquisa e reflexão por parte deste profissional a respeito do conteúdo que foi desenvolvido, para que ele, possa produzir novos conhecimentos e não se torne um reproduzidor das decisões alheias.

Desse modo, partindo do olhar das educadoras Pimenta e Lima (2010) nessa prática pedagógica, houve um processo de desenvolvimento crítico a partir dessa proposta. Tendo em vista que, o Jogo dos *bons-dias* de Augusto Boal, teve todo um processo de adaptação, pois essa brincadeira se faz muito presente durante a realização do Teatro-Fórum, que tem como objetivo apresentar o grupo de pessoas que irão iniciar a prática. Contudo, após essa apresentação, utilizando de um espaço não formal, estimulou-se a partir do jogo, que eles pudessem também relatar aquilo que gostavam e não gostavam, podendo trazer as questões referentes à opressão como, o capacitismo, o racismo, dentre outros pontos.

Salienta-se que, apesar das aulas acontecerem dentro de um espaço voltado para pessoas com deficiência, é comum que nas práticas artísticas e educacionais, os corpos permaneçam na mesma condição de sempre. Por exemplo, o Raimundo e o Felipe que utilizam a cadeira de rodas, raramente são retirados da cadeira para explorar o plano baixo e ir para o chão. Nas aulas de Teatro, em todos os encontros, eles foram para o chão, se movimentaram, dançaram, e se arrastaram, no tempo e contexto de cada corpo. É importante, que as práticas corporais possam aguçar um campo sensorial do outro, estimulando vivências e experiências poéticas que os tirem da rotina, do cotidiano e da zona de conforto, possibilitando novas experiências por meio das *Poéticas Acessíveis*.



Imagem 08: Na imagem está o discente Raimundo, usando camisa azul com folha pretas, bermuda cinza, sentado sobre os joelhos, com os pés dobrados para trás, cabeça baixa, segurando um pote de tinta guache com a mão esquerda, aberto, na cor vermelha, e colocando o polegar da mão direita no pote; do seu lado direito estão as mãos da sua colega Tânia, que usa uma capa roxa e uma calça azul; ao lado direito do Raimundo, estão as pernas do professor Carlos, aparecendo na imagem apenas seu calçado na cor preta e a calça jeans na cor azul; mais atrás do lado esquerdo do Raimundo, aparecem as pernas do outro discente Paulino, que está usando calça azul e chinelo preto com o solado branco; na frente de Raimundo a imagem mostra duas folhas de papéis com alguns borrões do lado direito do Raimundo, próximo da Tânia, com alguns barbantes amarelos, sobre as folhas. Foto: Billy Fontenelle.

A segunda regência, destacada neste texto, trata-se de uma prática realizada no dia 16 de janeiro, no pátio, tendo como início os exercícios de alongamentos. Esse momento foi extremamente importante, para que eles tivessem um contato com o corpo, investigando e descobrindo movimentos, ações, gestos e equilíbrio; em seguida, foi desenvolvido o *Jogo do Canguru*, consiste em os alunos formarem duplas, um na frente e o outro atrás, o da frente é a mãe canguru e o de trás o filhote, têm uma dupla que vai ser o lobo e o objetivo da mãe canguru é proteger seu filhote, para que os lobos não consigam tocá-los, caso o lobo toque, os papéis são invertidos, a dupla que era lobo, vira canguru e vice-versa.



Imagem 09: Aula no pátio com os discentes. Na imagem, os alunos estão em círculo, no pátio da escola, realizando as atividades de práticas teatrais. Espaço amplo, com mesas para refeitório, árvores, colunas em cor verde e chão de piso. Foto: Carlos Alberto Ferreira.

O jogo foi adaptado, inserindo um outro lobo como personagem, uma vez que os discentes que utilizam cadeira de rodas não as conduzem sozinho, necessitando de uma outra pessoa. Vale enfatizar que, o jogo, além de trabalhar questões de mobilidade, estimula o contato visual e tátil entre eles, visando, de forma atenciosa e cuidadosa, às questões corporais, sociais e culturais de cada sujeito. Era perceptível que alguns ficavam incomodados com o toque, assim, um trabalho sensorial era estimulado, para que o colega pudesse confiar e gerar esse contato, às vezes, de forma rápida, em outras circunstâncias mediado por tecidos, cordas e/ou elementos que pudessem contribuir para estabelecer essa relação.

É importante destacar que, algumas *Poéticas Acessíveis*, enquanto recursos de acessibilidades, podem ser criados e estimulados através de materiais que atendam as necessidades e demandas de cada corpo. Ao retomar um dos textos presentes no livro *Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: contextos de desaprendizagens*, dos autores Antonia Paula, Carlos Alberto Ferreira da Silva e Jamile Cruz, o conceito de *materialidade* contribui com a reflexão da prática acima, pois

A materialidade como campo de investigação torna-se um princípio investigativo e de exploração na/para sala de aula/ensaio, pois é uma

maneira de provocar as/os discentes e as/os artistas a participarem, possibilitando relação a partir dos usos de objetos, com espaço e com o próprio corpo. O corpo na *materialidade*, torna-se um dos elementos principais para o acontecimento da criação, uma vez que é compreendido como pesquisa, gerando inquietações, provocações e análise. (Ferreira da Silva; Silva; Jesus, 2022, p. 144-145).

Por fim, no dia 17 de janeiro aconteceu a última aula, como encerramento do processo realizado ao longo do *Estágio e Acompanhamento em Teatro I*. Para esta finalização, organizamos o auditório, colando a instalação e as pinturas que os alunos construíram e desenvolveram durante as aulas, a partir das temáticas sobre a *Paz* e o *Capacitismo*.

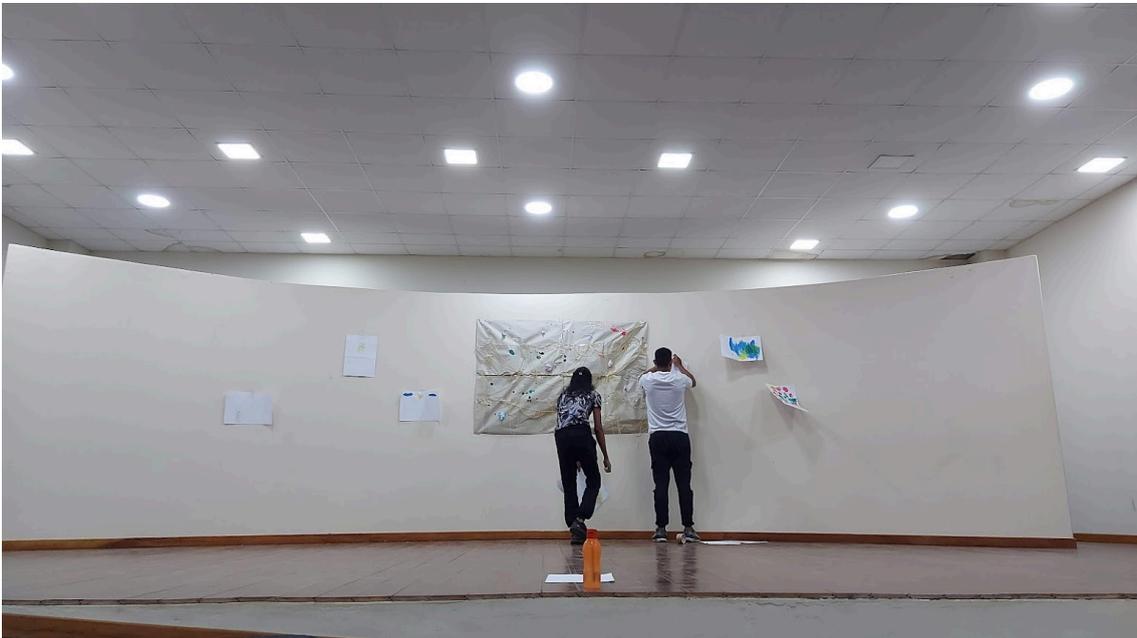


Imagem 10: Na fotografia está Samuel e o Valdelei Oliveira, de costas para a plateia, montando o espaço da apresentação, colando as pinturas e a Bandeira da Paz. Foto: Carlos Alberto Ferreira.

Na mostra do processo final do Estágio, foi apresentado ao Centro de Ensino Especial Dom Bosco o resultado desenvolvido através do projeto *ARTE E PAZ: A arte e Acessibilidade Cultural contra práticas capacitistas*. Antes de realizar a apresentação com os discentes do Centro, nós, estagiários e docente da UFAC, explicamos sobre o processo e as fases de cada encontro, tendo como conclusão o trabalho intitulado *Dança da Paz*. Ao considerar a experiência junto aos alunos, é perceptível que a prática do estágio é uma “*aproximação à realidade*”, como defendem as autoras Pimenta e Lima (2010), pois nos insere na realidade do contexto escolar e na vida daqueles alunos com deficiência. Assim, as ações pedagógicas experienciadas nos permitem uma reflexão do que é trabalhar com o

público da pessoa com deficiência, de modo que aproxima o estudante universitário de uma vivência, muitas vezes desconhecida.



Imagem 11: *Dança da Paz*. Na imagem, os alunos estão espalhados pelo palco e seguram uma fita de várias cores enquanto dançam. Foto: Carlos Alberto Ferreira.

Portanto, o *Estágio e Acompanhamento em Teatro I ao III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens* contribuiu para uma formação extra das disciplinas de *Fundamentos da Educação Especial e Letras Libras* realizadas pelos discentes do curso de ABI - Teatro da Universidade Federal do Acre. As experiências nas oficinas, mesas, apresentações dos espetáculos com artistas com deficiência apresentaram uma percepção de autonomia da pessoa com deficiência durante o Encontro. Assim, o discente em formação, ao observar os trabalhos desenvolvidos pelas pessoas com deficiência, amplia suas perspectivas para discutir acerca de alguns assuntos, tais como, capacitismo, práticas cênicas, acesso, pertencimento, acessibilidade, inclusão, equidade, políticas públicas, dentre tantos outros temas transversais presentes no Encontro.

Ter um Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, no qual os profissionais da Rede Estadual de Ensino também participaram, retornando à universidade, como egressos, para ampliar a capacitação na área da Acessibilidade Cultural e Educação Inclusiva, sem dúvida, torna-se um ponto positivo para ressignificar o processo de ensino na área da Educação Inclusiva. Mediante ao exposto, pensar em *Poéticas Acessíveis* é garantir tecnologias assistivas que possibilitem o acesso, a participação e a permanência da pessoa com deficiência nas práticas artísticas e educacionais; atribuir um diálogo e aproximação entre às pessoas sem e com deficiência, destacar os gestores, educadores, discentes, familiares, durante os processos artísticos e educacionais; bem como, promover processo de formação para os profissionais que atuam de forma direta com a pessoa com deficiência,

tendo como centralidade a Acessibilidade Cultural, as Artes Cênicas e a Educação Inclusiva em seus diversos formatos estéticos, poéticos e de tecnologias assistivas.

Considerações Finais

É necessário evidenciar, que o processo da disciplina *Estágio e Acompanhamento em Teatro I* possibilitou uma perspectiva ampliada e aprofundada no âmbito da Educação Inclusiva entre o início até o fim do Estágio. A princípio era possível identificar a presença de discentes universitários, ansiosos, sentindo-se totalmente despreparados, pensando que não conseguiriam fazer nada, sobretudo, em desenvolver os conhecimentos na área da Educação Inclusiva e nas atividades práticas e educacionais relacionadas ao contexto da pessoa com deficiência. A problemática estabelece em função da falta de disciplinas voltadas para a área das Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, pois, como já foi mencionado no decorrer do artigo, no Ensino Superior, na Universidade Federal do Acre, só são ofertadas duas disciplinas: *Fundamentos da Educação Especial e Letras Libras*.

No curso de Área Básica de Ingresso - Teatro¹⁰ da UFAC, até o presente momento, não há nenhuma disciplina específica que retrate e/ou dialogue com o contexto da Educação Inclusiva e o Teatro. Porém, se existe algum docente com pesquisas na área, acaba transversalizando nos conteúdos das aulas. Mas, no ementário do Projeto Pedagógico do Curso, *ainda* não existe uma proposta de disciplina específica que apresente as referidas discussões sobre *Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, Poéticas Acessíveis, Teatro e Educação Inclusiva*, o que deflagra uma deficiência curricular.

É necessário salientar a urgência de ter mais disciplinas e conteúdos voltados para este assunto, pois, como destacado no texto, no Brasil tem aproximadamente 45 milhões de pessoas com deficiência, sendo que, no curso de Artes Cênicas/ABI-Teatro da UFAC, nos últimos anos, obteve aproximadamente mais de dez discentes com deficiência, tornando-se de suma importância a discussão no próprio curso. Assim, pensando no contexto e na realidade dos futuros profissionais, é preciso a presença de novas disciplinas no PPC, a fim de que os graduandos possam construir um processo de formação com base na vivência/experiência e quando iniciar o processo de atuação em escolas e espaços culturais tenham, minimamente,

¹⁰ Área Básica de Ingresso - Teatro. *Projeto Pedagógico Curricular do Curso*. Universidade Federal do Acre, Rio Branco - Acre, 2018. Acessado em 17 de agosto de 2023, <<http://www2.ufac.br/cela/artes/projeto-pedagogico-do-curso.pdf/>>.

meios e informações de como realizar práticas junto aos discentes e espectadores com deficiência.

Por outro lado, é preciso destacar que, os projetos de extensão, realizados através da promoção de eventos acadêmicos, torna-se também, uma forma/fórmula importante no processo formativo do futuro educador. Para isso, é preciso que os docentes e discentes participem ativamente das formações, no intuito de entende-las como uma continuidade de conteúdos, possivelmente, não discutidos em sala de aula. O *III Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens* teve esse papel de *soma* junto ao processo formativo dos educandos, sobretudo, aqueles que estavam realizando a referida disciplina de Estágio.

Desde modo, os estudantes que saíram da disciplina de *Estágio e Acompanhamento em Teatro I*, adquiriram algumas experiências, como: planejar e elaborar uma aula para/com as pessoa com deficiência; avaliar a *práxis* realizada no âmbito da teoria e da prática desenvolvida desde o processo de observação à regência; observar os pontos positivos e negativos das aulas, para melhorar o ensino/aprendizagem dos discentes e a prática enquanto docente; articular as teorias e metodologias de Jogos Teatrais com o contexto e a realidade do discente com deficiência; acessibilizar as práticas teatrais conforme as condições e os recursos disponíveis para cada pessoa com deficiência.

Os alunos do Centro de Ensino Especial Dom Bosco são pessoas com diversos tipos de deficiências, tais como: deficiência motora, mobilidade reduzida, deficiência intelectual, autismo, deficiências múltiplas, dentre outras. Durante as aulas, tornou-se possível perceber seus interesses pela área das Artes Cênicas, demonstrando suas aptidões na área da atuação, dança, pintura, música, performance que foram experimentadas por eles a cada encontro. Salienta-se que, na realização das práticas, alguns discentes participavam ativamente, se colocando politicamente, expondo seus pontos de vista, interesses e dando voz às suas opiniões. Acreditamos que essa singularidade dos discentes se baseia no fato deles possuírem um docente formado em Artes Cênicas, como o Ruan Billy Fontenelle, fazendo todo o diferencial, pois é um educador/provocador/estimulador, que busca tirar os discente da zona de conforto e apresentar práticas que dialoguem com o contexto e realidades de cada um.

Assim sendo, mediante ao exposto, chega-se à conclusão deste texto, salientando a necessidade por mudanças, as quais possam efetivar práticas acessíveis no âmbito educacional e cultural, assegurando que as *Poéticas Acessíveis* possam garantir uma experiência de Ensino de Teatro com as pessoas com deficiência. Posto isso, é preciso

“abraçar a mudança” e propor ações, nas quais, estudantes, educadores, gestores, artistas e agentes culturais, possam se envolver e ter uma participação mais presente, efetiva e viva no contexto educacional, contribuindo para promover e/ou cultivar uma cultura de acesso nos diversos ambientes.

Referências:

ALVES, Jeferson Fernandes; FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto; BERSELLI, Marcia (Org.). *Artes cênicas e acessibilidade cultural contextos de desaprendizagens*. 1. ed. Natal: SEDIS-UFRN, 2022.

BARON, Ivan. *Guia anticapacitista*. E-book, 2023.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 10º. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOAL, Augusto. *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Artes, 2009.

CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DOM BOSCO. *Projeto Político Pedagógico*. Rio Branco, 2022.

FERNANDES, Ciane. Prefácio - Os (in)visíveis: isto não é um prefácio ou eu não nasci para ser “normal”. In: *Artes cênicas e acessibilidade cultural contextos de desaprendizagens*. Natal SEDIS-UFRN, 2022.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. Práticas Lúdicas e Pedagógicas: uma abordagem teatral na formação de discentes no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia. *REV. TRIANGULO*, v. 14, p. 1-21, 2021.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto; SILVA Antonia Paula Oliveira da; JESUS, Jamile da Cruz e. O processo criativo de Os dois turrões e Romeu e Julietas com pessoas com deficiência no estado da Bahia: a materialidade e a acessibilidade cultural como abordagem para Abraçar a mudança. In.: *Artes cênicas e acessibilidade cultural contextos de desaprendizagens*. Natal SEDIS-UFRN, 2022.

MELLO, A. G. *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Mello, Anahí Guedes de; AYDOS, Valéria; SCHUCH, Patrice. Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência. *Horizontes Antropológicos* (online), v. 28, p. 7-29, 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Lucena Socorro. *Estágio e Docência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TEIXEIRA, Jessica. A percepção de si como um ato de criação e acesso. In.: *Artes cênicas e acessibilidade cultural contextos de desaprendizagens*. Natal SEDIS-UFRN, 2022.